

Mário Pedrosa e a Cidade Universitária da USP

Aracy Amaral

Historiadora de arte, professora titular aposentada do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, Rua do Lago, 876, Cidade Universitária, Butantã, CEP 05502-900, São Paulo, SP

Resumo

Revisita ao *Parecer sobre o core da Cidade Universitária*, trabalho escrito em 1962 por Mário Pedrosa, com breve comentário sobre seu conteúdo e contexto à luz dos esboços elaborados pelo arquiteto Oswaldo Arthur Bratke, tendo por base o texto do crítico do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Mário Pedrosa, Oswaldo Arthur Bratke, Universidade de São Paulo, cidades universitárias, centros culturais.

Extremamente oportuna esta republicação, propiciada por Hugo Segawa e Guilherme Mazza Dourado, de texto antológico de Mário Pedrosa com reflexões e idéias para um centro comunitário e cultural para a Cidade Universitária de São Paulo. Tão importante a Universidade de São Paulo para o Brasil e, no entanto, até agora sempre órfã, sob o aspecto cultural, como centro gerador de atividades criativas do ponto de vista de apoio arquitetônico digno ou de suporte institucional que possa ombrear, por exemplo, com o nível das obras que Francisco Matarazzo Sobrinho teve o desprendimento de doar em 1963, preterindo sua coleção privada e aquela do Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo à Fundação Bienal de São Paulo, entidade mais prestigiosa, sem dúvida, em nível internacional.

Esse texto, pelo que pudemos pesquisar agora, graças à informação de Otilia Arantes, foi publicado primeiramente na revista *GAM* (Gabinete de Arte Moderna) de fevereiro de 1967. No entanto, ao longo dos anos em que tentei reunir os textos de Pedrosa para os dois volumes publicados pela editora Perspectiva, nem ele, nem aqueles a quem consultei, nunca me deram notícia desse *Parecer*. No entanto, trata-se de texto da maior relevância, escrito poucos

meses antes de sua partida de São Paulo de volta para o Rio de Janeiro.

Aliás, nos meses que antecedem sua partida Mário Pedrosa fez outro contundente pronunciamento, em reunião em homenagem a ele organizada por amigos e admiradores de sua atuação à frente do Museu de Arte Moderna de nossa capital. Publicado por Otilia Arantes com o título de “Depoimento sobre o MAM”¹ – depois de pronunciar esse testemunho ofereceria o original do mesmo a Etelvina Chamis Rosas, que fora sua assistente no museu, segundo depoimento recente da mesma a esta autora – é ainda hoje peça para refletirmos sobre os destinos de instituições, coleções e entidades em nosso país. Antevendo o equívoco de Matarazzo Sobrinho em doar as obras à USP (que até hoje não construiu um museu digno dessa inigualável coleção), Pedrosa refaz com ponderação e ceticismo a trajetória de crises por que passou o MAM/SP até a doação de seu acervo e não se utiliza de meias palavras:

“Antes de mais nada é preciso afirmar-se e reafirmar-se que não se fecha nem se suprime museu, como não se fecham nem se suprimem teatros ou escolas, pois museu não é loja nem botequim”.

1. PEDROSA, Mário. Depoimento sobre o MAM. In: ARANTES, Otilia (Org.). *Mário Pedrosa/política das artes*. São Paulo: Edusp, 1995. p. 299-308.

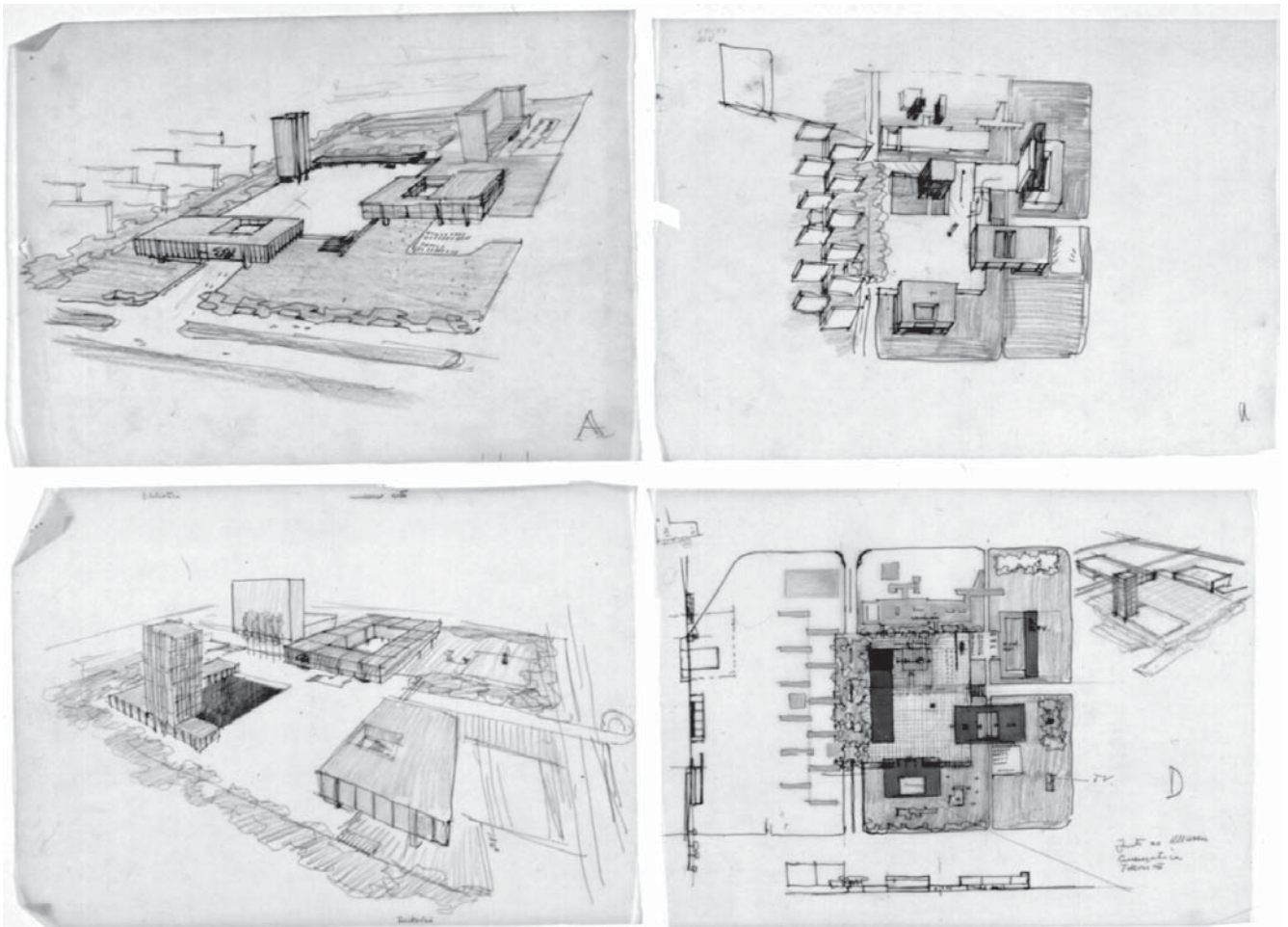


Figura 1: Visualização em diversos ângulos do conjunto do core. Desenhos de Oswaldo Bratke, 1962.

2. Idem, *ibidem*. Na verdade, estamos vivenciando hoje em nosso país um tempo novo em que se tenta passar para a iniciativa privada a responsabilidade que sempre recaiu, e ainda recai, na Europa, ao Estado em particular, pelas coisas da cultura.

3. Já fizemos referência a esse compromisso tácito, porém não registrado em documentos formais, quando da passagem das obras da coleção MAM/SP à USP em nosso ensaio “A história de uma coleção”. In: *Museu de Arte Contemporânea da USP: perfil de um acervo*. São Paulo: Ex-Libris/Techint, 1988.

4. Certa vez ouvi de alguém de dentro da universidade que a idéia de fazer uma Biblioteca Central fora descartada à época do regime militar posto que o governo não acolhia com bons olhos locais que pudessem se configurar como espaço para reunião de estudantes, no período.

5. Falando da importância do papel educacional do museu e das monografias que lhe caberiam editar a partir de pesquisas que, dele oriundas, se igualam às pesquisas universitárias, Pedrosa cita a esse propósito o prof. H. Daifuku, da Unesco. Segundo esse especialista, “o conservador de um museu de arte, inspirando-se nas tendências atuais, é, ou deveria ser, consciente dos fatores que influem na criação artística contemporânea”.

Assim,

*“esperemos que os responsáveis pelo seu destino na universidade e no governo do Estado compreendam as formidáveis implicações, de ordem cultural, espiritual e até moral, da existência atuante e viva de um museu com as tradições e possibilidades do nosso antigo Museu de Arte Moderna e ajam em consequência”.*²

Mais adiante ele se referiria, nesse mesmo pronunciamento, à “(...) falência das responsabilidades sociais da iniciativa particular, no plano extremamente grave e delicado da cultura”.

Algumas circunstâncias ajudam a explicar o súbito envolvimento de Mário Pedrosa com o projeto de edificação da Cidade Universitária. Em primeiro lugar, pela própria presença, em São Paulo, de Paulo Camargo e Almeida, trotskista como Pedrosa, o último diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo antes da transferência de sua coleção para a USP.

Em segundo lugar, Mário Pedrosa viveu meses de angústia com a perspectiva de ver a coleção do MAM passar à universidade. O seu *Parecer sobre o core da Cidade Universitária* assume, assim, realizada essa alentada reflexão/projeto pouco antes de seu retorno definitivo ao Rio de Janeiro – nessa passagem de 1962 para 1963 – o caráter de uma tentativa de prever para a universidade uma infra-estrutura enquanto centro cultural, que ela ainda não possuía. E que ainda não possui, neste raiar do século XXI em que vivemos.

Seu desligamento próximo do MAM/SP e seu conhecimento da importância de seu acervo – enriquecido com as coleções de Yolanda Penteadó e Francisco Matarazzo Sobrinho – sinalizam sua preocupação com os destinos da entidade. Ao mesmo tempo, está bem clara em seu texto a alusão ao compromisso manifestado pela universidade de edificação de uma sede própria para a coleção (“(...) Como se sabe, essa entidade, por convênio já aprovado pelo Conselho Universitário, deverá ser transferida para o campus da universidade, onde lhe será construída uma sede própria”).³ A possibilidade de um arquiteto de prestígio como Bratke poder projetar esse centro comunitário

para a universidade deve tê-lo entusiasmado a projetar sua utopia (“a utopia é necessária”, disse-me ele certa vez) de um core com a relevância com que o registra nesse texto.

Assim, vemos que Mário Pedrosa pensa “grande” ao definir espaços fundamentais para uma universidade compromissada com a cultura: a presença de uma Aula Magna, “sede solene, externa, do seu poder representativo, por assim dizer, de seu Parlamento, ou o Conselho Universitário”.

Em segundo lugar, projeta a presença de um Centro de Coordenação das Atividades Culturais com seus diversos setores: pedagógico, museográfico, de comunicação audiovisual, recreativo cultural, de educação física e desportiva e editorial e de publicações. Além do setor de Serviços Administrativos, Pedrosa, de maneira significativa, coloca a Biblioteca Central como a “entidade por excelência representativa das atividades puramente intelectuais da Cidade Universitária”, sem se esquecer da Faculdade de Biblioteconomia e da Imprensa Universitária.⁴

Ao mencionar como “terceiro grande conjunto arquitetônico” do core o museu, por ele colocado como coração vivo da cultura dentro da universidade, “destinado ao cultivo das artes visuais”, Pedrosa enfatiza mais uma vez a “estupenda coleção de obras de arte (pintura, esculturas, gravuras e desenhos)” que lhe fora doada por Cicillo Matarazzo, “no gênero, sem rival na América Latina”. E não vacila – como nós não vacilaríamos nos anos 1980 em afirmá-lo – que esse acervo será “um dos centros de atração artística e social de maior destaque na Cidade Universitária”.⁵

Nesse texto iluminado de Pedrosa, de maior importância é a idéia da criação de um Instituto de Artes, todo “um departamento destinado ao aprendizado e à formação profissional no plano artístico”, desde a iniciação artística até a apreciação de obras de arte. Daí porque ele enfatiza que “o Instituto de Arte, separado do contexto museográfico e da ambiência da obra viva, tende a congelar-se num processo de ensino como outro qualquer”. Pedrosa pensa num currículo abrangente, que situe as obras no contexto de seu tempo, não se dando

“uma história da pintura, digamos, gótica, sem curso paralelo de arquitetura da mesma época, bem como das outras artes, música, teatro, etc.” Referia-se ele, nesse trecho de seu projeto, à “história simultânea e comparada” a fim de fazer aflorar na sensibilidade do estudante o “espírito do tempo” de cada período abordado. E não tem dúvidas em dizer que “das criações contemporâneas é que se tem de caminhar até, através das idades, as expressões artísticas mais recuadas, como a arte das cavernas”. Ou seja, a partir do compromisso com nosso tempo é que devem nos chegar as trajetórias dos artistas de todas as épocas que nos precederam. Enfim, esse *Parecer*, que deu margem

a um projeto de Oswaldo Bratke para o *core* da Cidade Universitária, caso realizado, teria infundido uma dimensão cultural-artística à nossa universidade, que, se era desconhecida em inícios dos anos 1960, permanece ainda hoje, quarenta anos depois, igualmente lacunosa para o porte da USP por sua projeção nacional. Teria esse *core* concebido por Pedrosa alterado o perfil e o rumo das unidades de Ciências Humanas e Artes da universidade caso tivesse sido implantado, com a relevância que ele deu ao museu, pelo conhecimento que tinha do acervo recém-doadado à USP? Essa a indagação que nos fazemos hoje, diante desse texto que nos cabe ler com atenção e respeito.